

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

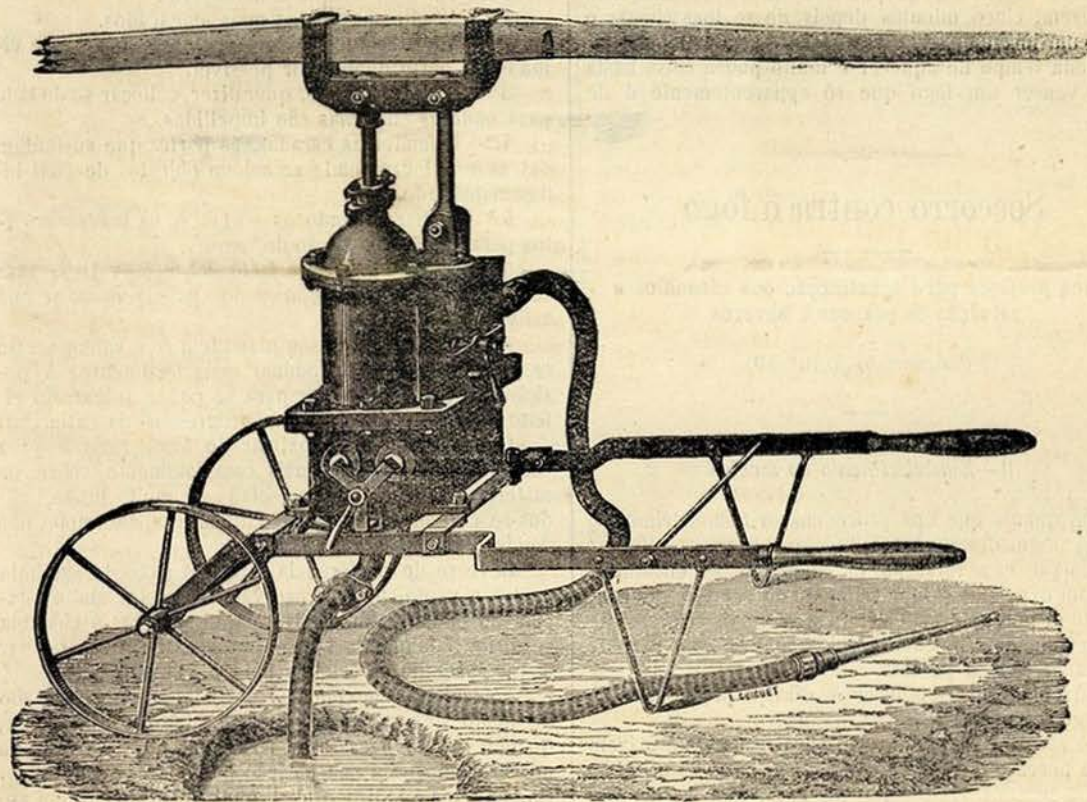
4.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		PORTO—15 DE FEVEREIRO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		N.º 22
	(REINO)			(ESTRANGEIRO)		
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700 "		Semestre.....	1200 "	
Anno.....	1400 "	ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 128	Anno.....	2400 "		

Bomba para incendios, esgotos e regas

A nossa gravura representa uma bomba para incendios, esgotos e regas, tambem construida pela casa

Noel, de Paris, de quem, como ja dissemos, é representante em Portugal a *Empreza Commercial e Industrial Agricola*, que tem os seus escriptorios na travessa de S. Nicolau n.º 12, em Lisboa.

Com um rendimento por hora de nove a doze mil litros, esta bomba é montada sobre um carro de ferro com duas rodas, tendo dous metros de tubo d'aspiração de caoutchouc com espiral, dous pares de anilhas,



um chupador, quatro metros de mangueira de lona, uma agulheta d'incendio e uma ponta em leque para rega.

Se não tivesse a recommendal-a a excellencia da sua construcção, tinha a modicidade do seu preço, sessenta e um mil reis.

Liquido extintor Windspezger

O *Times* relata uma experiencia que acaba de ser feita em Londres, na presença do capitão Shauw, comandante dos sapadores bombeiros, d'um liquido extintor inventado por M. Windspezger. A experiencia tinha por fim principal comparar o poder extintor

d'este liquido e o da agua commum. Formara-se a fogueira com traves e palha sobre as quaes se tinham espalhado partes eguaes de benzina e petroleo. Deixada arder por cinco minutos, o ataque foi feito d'um lado da fogueira com a soluçao Windsperger em cuja composiçao parece entrar sobretudo o sulfato de soda, e do outro com agua. Os dous liquidos eram projectados por meio d'uma bomba de mao. N'um minuto a soluçao dominou o fogo. Para que a agua o conseguisse foram precisos quatro. Do liquido de Windsperger empregaram-se 12 gallões contra 22 de agua.

O *Times* accrescenta: o que falta ver é se levaria a melhor a nova soluçao, nos casos em que se tractasse d'um incendio serio. O proprio inventor reconhece que é sobretudo destinada a combater o fogo no seu principio.

O *Monitor dos Sapadores Bombeiros* de Paris, d'onde extrahimos esta noticia, accrescenta: repetiremos agora, o que já por muitas vezes temos dicto, e que nunca será de mais dizer-se. Uma experiencia feita nas condiçoes descriptas acima, experiencia que os inventores preferem, não é de modo algum uma prova. As madeiras borrifadas de petroleo ou de benzina não produzem, cinco minutos depois de se lhes chegar o fogo, um incendio serio. O interior da madeira não teve ainda tempo de aquecer e muito pouca coisa basta para vencer um fogo que só apparentemente é de vulto.

Socorro contra o fogo

Meios praticos para a extincção dos incendios e salvaçao de pessoas e haveres

(Continuado do n.º 19)

II—Estabelecimento do serviço

Em quanto que uns procedem ao reconhecimento, outros fazem desaparecer tudo o que possa estorvar a extincção e a salvaçao ou alimentar as chammas. Tractam depois do estabelecimento do serviço, quer dizer, de disporem o material do modo mais conveniente para combater o incendio rapidamente e com perfeita seguranca para o pessoal.

Para bem se estabelecer o serviço proceder-se-ha do seguinte modo:

No caso de se poder utilizar directamente o jacto d'uma bocca d'incendio escolher-se-ha a mais proxima da casa incendiada. Quando se empregam as bombas collocar-se-hão estas o mais perto possivel da agua ao abrigo da queda dos escombros, com a abertura de emissão do lado do ataque.

Quando no ataque se emprega mais que uma bomba convem numeral-as e collocar-as com bastante distancia uma das outras para que não haja confusão entre os respectivos serventes.

Passar-se-hão as mangueiras pelo caminho mais curto a fim de se empregarem as menos possiveis e reduzir quanto se possa a perda de pressao occasionada pela fricção. Cuidar-se-ha sempre de conservar as mangueiras sem quebras ou joelhos muito pronunciados.

É de conveniencia ter sempre de reserva no ponto d'ataque uma certa quantidade de mangueiras que se pode tornar necessaria ao agulheta se lhe for preciso avançar.

Disponer-se-ha o material de modo a que não estorve a manobra das escadas ou outros aparelhos de salvaçao.

III—Ataque

Feito o reconhecimento e montado o serviço, o commandante dá ordem para o ataque, quer, dizer manda funcionar os aparelhos de extincção. O agulheta applica a agua não ao meio, mas á volta do brazeiro, procurando circumscrevel-o e restringir-lhe progressivamente o foco. Nunca a projectará sem necessidade, nem sem um ponto d'ataque determinado. Evitará assim alagar inutilmente os objectos que o contacto da agua damnificaria, o que muitas vezes causa mais prejuizo que o proprio fogo. As ordens são dadas por meio do clarim, corneta ou apito, devendo cada signal ser procedido da indicaçao da secção a que diz respeito.

Para um bom ataque é necessario:

- 1.º Acudir aos pontos mais ameaçados.
- 2.º Atacar o fogo no seu plano ou mesmo de cima e tão perto quanto for possivel.
- 3.º Pôr-se ao vento, quer dizer, collocar-se do lado para onde as chammas são impellidas.
- 4.º Defender as escadas, as partes que sustentam outras e os locais onde se achem objectos de facil inflammabilidade.
- 5.º Molhar a miúdo as portas e os madeiramentos para attenuar a acção do fogo.
- 6.º Evitar o dirigir o jacto sobre os vidros, para se não quebrarem, dando assim passagem ao ar que activará as chammas.

Atacando o fogo no seu plano tem-se a vantagem de se poder combater e dominar mais facilmente. A posicao obliqua é a melhor para se poder julgar do effeito do jacto e observar os progressos da extincção.

Quanto mais se aproximar do foco, mais a agua conserva a sua força e mais completamente cobre as materias. Se a agua é projectada de muito longe, reduz-se em chuva fina que facilmente se decompõe não dando resultado algum.

Deve-se de preferencia dirigir o jacto da agulheta contra o vento, para preservar as partes ainda intactas ou pouco damnificadas para as quaes a chamma se dirige fatalmente. Não obrando assim, é de receiar que o incendio se estenda para a frente.

No entanto convem que o agulheta esteja postado de modo que não corra perigo algum e que possa, quando lhe for necessario, fazer uma prompta retirada no caso em que a sua posicao não offereça seguranca. Muitas vezes é indispensavel munir o agulheta d'um aparelho que o proteja contra o fumo.

N'um ataque, é da maior importancia defender a escada, que é o caminho mais facil para os soccorros. Perdida ella, bombeiros e incendiados só tem meios de communicação que offerecem difficuldades.

Para defender uma escada, de que uma parte está ardendo, convem postar-se por cima do foco do incendio. Se não se poder lá chegar por causa da intensidade do calor faça-se correr a agua pelos degraus a fim de inundar o sitio em chammas. Dado o caso em que se não possa tomar uma posicao que fique superior ao incendio, projectar-se-ha a agua das paredes da escada para o patamar superior.

Nos edificios com encanamento de gaz, as medidas necessarias para o cortar, devem-se immediatamente pôr em practica.

Estabeleça-se como regra o não empregar n'um incendio senão o numero de bombas strictamente necessario e suspender o trabalho d'aquellas cujos serviços se tornem superfluos. Com isso se evitará não só a fadiga inutil dos homens da picota, como o risco da falta d'agua no momento e nos pontos onde ella se torne mais efficaz.

As bombas de reserva podem ser empregadas na alimentação das que tomam parte no ataque, por meio de mangueiras.

Quando o jacto produsido por uma bomba não é bastante forte para atacar convenientemente o fogo, pode ser reforçado unindo se as mangueiras de duas ou tres bombas, por meio d'uma peça metallica na forma de um Y com dous ou tres braços de modo que a agua d'estas bombas passa pela mesma agulheta e forma um jacto unico. Para duas bombas postas a par, as mangueiras podem todas ter o mesmo diametro não se devendo augmentar o orificio da agulheta: quando podem se reunem tres bombas, a mangueira entre a agulheta e a peça metallica deve ser mais larga e o orificio d'aquella de maior diametro, sem o que, uma manobra um pouco preceptuada pode fazer rebentar a linha.

Succede muitas vezes, que durante o ataque d'um incendio, pessoas que nada intendem do officio de bombeiros, pensam fazer uma coisa util deitando abaixo os madeiramentos a arder. E' tal methodo inadmissivel, porque, com a demolição, descobre-se uma maior superficie e o fogo alastra-se mais facilmente. Além d'isto, uma peça de madeira arde menos depressa no ar e isolada do que quando está sobre a fogueira: levanta-se, muitas vezes, apenas está ardendo na superficie, e com agua, facil é conservá-la: no chão, augmenta a fogueira e alimenta as chammas.

E' de muita conveniencia que os homens de machado conheçam bem a importancia relativa de cada parte do madeiramento e o papel que ella representa na construcção. O contrario dará causa a graves accidentes.

A promptidão dos soccorros e-tabelecidos na maior parte das nossas cidades e a natureza das materias de construcção que hoje se empregam, raras vezes nos obrigam, para limitar os destroços de um incendio, a deitar abaixo as casas visinhas. Pôde porém dar-se este caso no campo onde o incendio de ordinario não encontra obstaculos serios que lhe estorvem o seu rapido passo.

Mais uma vez repetimos: Não se empregue o machado senão no caso de imperiosa necessidade e quando ordenar o interesse geral.

OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

VI—Visita e rescaldo

Extincto o incendio, os bombeiros tem ainda antes de se retirar, trabalhos complementares a executar, especialmente a visita e o rescaldo.

Consiste a primeira n'uma inspecção minuciosa de todos os logares que soffreram com a acção das chammas, para se convencerem que ali não ha vestigios de fogo susceptiveis de atear-se. Os pontos duvidosos sondar-se-hão com o bico do machado.

Consiste o rescaldo na remoção das fazendas e dos

escombros. Esta operação deve ser feita sem demora e tomando muitas precauções quando os pavimentos ameacem incendeiar-se de novo ou desmorerar-se com os corpos que os estão carregando.

Os escombros devem ser transportados para logar onde não offereça perigo a sua combustão. Só em caso de absoluta necessidade é que se atirarão pelas janelas e então, tomando-se as precauções necessarias para extinguir o incendio quando de novo se apresente e quando não haja perigo para os transeuntes nem para as construcções visinhas.

Quando se transportem peças de madeiramento ligadas, tenha-se cuidado em rebater os pregos para que não firam ninguém.

As cornijas, as chaminés, e os pannos de parede que se tenham desviado do prumo, ameaçando ruina, devem ser abatidos, abalando-os com pequenos empuxões por meio de cabos ou empurrando-os com bicheiros ou croques.

Conveniente é tambem demolir as trapeiras, varandas, empenas e abobadas que não offereçam segurança.

Quando no entanto a estabilidade do edificio depender da conservação d'essas partes, espequar-se-hão solidamente.

Pôde ser de utilidade deixar no local do sinistro uma secção encarregada de vigiar o rescaldo ou de ficar de observação durante a noite, perto d'um edificio incendiado. Esses homens escolhidos na reserva, terão á sua disposição um aparelho sempre prompto a funcionar, mas collocado de modo que não interrompa a circulação publica na rua. Quando o frio é rigoroso ser-lhes-ha permittido abrigarem-se e fazerem uma pequena fogueira para se aquecerem.

CAPITULO II

Instrucções particulares para a extincção de cada especie de incendio

Fogos de subterraneo

E' sempre perigosa a extincção d'estes fogos. 1.º porque produzem ordinariamente uma massa de fumo espesso e infecto que impede o dirigir-se com segurança; 2.º porque perdido n'estes logares de que não se conhecem os caminhos, corre-se o risco de cair asphixiado e de não ser soccorrido a tempo; 3.º porque se os subterraneos não são muito solidos podem desmorerar-se, ou seja por effeito da intensidade do calor, ou seja por effeito d'uma explosão, e sepultar nos escombros os que trabalharem na extincção.

Para atacar um fogo de subterraneo comece-se pelo abafar o melhor possivel tapando todas as portas, janelas, entradas, postigos etc., de modo a impedir que o ar se renove. Depois convem que se informe da construcção, da distribuição do subterraneo, das materias que contem e do caminho a seguir para mais facilmente chegar ao local onde o incendio lava.

Obtidas estas informações o chefe encarregado do ataque, com um dos seus homens, cobrem a boca e o nariz com um lenço embebido em agua e vinagre, prendem uma corda ou espia ao corrimão da escada, seguram-na com a mão direita e com um archote acceso, marcham de costas, na direcção do incendio. Deverão cuidar de se abaixar o mais possivel para só respirarem a camada d'ar mais fresco e menos satu-

rada de fumo. O fumo e o ar dilatado pelo calor tendem a occupar a região superior do recinto e a corrente d'ar fresco que o fogo provoca anda sempre á superficie do pavimento.

No entanto é perigoso abaixar-se quando as materias inflammadas são carvão, lenha, turfa, linhite; oleos ou outras substancias que na sua combustão, desenvolvem o anhydrido carbonico. Este gaz porque é mais pezado que o ar, accumula-se juncto do solo, em quanto que o fumo mais leve occupa a parte superior do recinto.

Convem então conservar-se n'uma região media para poder resistir o mais tempo possível á asphixia.

Quando o chefe que marcha na frente, descobrir o foco do incendio, avisinha-se d'elle o mais possível para reconhecer a sua posição e extensão e saber qual é a natureza das substancias inflammadas. Se a porta do subterraneo estiver fechada só a abrirá quando tudo estiver prompto, para começar os trabalhos.

Depois d'este reconhecimento, os dois homens sobem, tendo o cuidado de deixar as cordas ou espias no ponto até onde chegaram para mais facilmente o recontrarem. Tomam folego por alguns instantes, molham de novo o lenço ou se munem d'um apparelho respiratorio e levando o primeiro um archote e o outro a agulheta, seguem o mesmo caminho que antes seguiram, tomando as precauções já citadas.

O archote, alem do seu emprego como illuminador serve tambem para indicar o grau de pureza da atmospheria: quando se apagar, é indicio certo da falta d'ar respiravel, o que importa a necessidade de fazer uso do *respirador* ou d'outro apparelho similhante, para continuar os trabalhos.

Em frente do local incendiado, o chefe abre ou faz arrombar a porta, manda dirigir a agulheta para o foco das chammas, e faz signal para que a bomba trabalhe.

Logo que se julgue senhor do incendio, interrompe a manobra e faz arejar o recinto para fazer evacuar o fumo e completar em seguida mais facilmente os trabalhos de extincção.

Quando para atacar o fogo, é impossivel penetrar no subterraneo pela escada, amarre-se a agulheta na ponta d'uma vara ou a uma corda, introduza-se por um respiradouro e dirija-se o orificio para o fogo. Intender-se-ha que a direcção dada ao jacto é boa se se ouvir o estalido produzido pelo encontro da agua com o fogo. A espessura do fumo e a sua côr mais ou menos esbranquiçada fazem tambem conhecer se a agua chegou ao local em chammas.

Em todas estas operações, evitar-se-ha lançar agua em grande quantidade contra as abobadas cujas pedras esquentadas podem abrir por uma transicção subita e comprometter assim a solidez de construcção.

Quando os forros do tecto dos subterraneos são de madeira, muitas vezes é necessario molhal-os para prevenir a combustão e n'elles fazer aberturas por onde melhor se chegue ao foco do incendio.

Em vez de prender uma corda-guia no alto da escada, antes de entrar no subterraneo, parece-nos preferivel amarral-a á volta do corpo e fazel-a correr entre as mãos d'um homem collocado á entrada. Este homem deverá ter todo o cuidado em conservar a corda ligeiramente entezada para ser promptamente advertido dos accidentes que possam sobrevir ao primeiro, e prestar-lhe soccorro immediatamente.

Tambem não approvamos a recommendação de dirigir frequentemente a palavra aos que trabalham na

extincção d'um fogo, sobre tudo quando não estão munidos de mascaras de respiração: para responderem, são obrigados a abrir a bocca, a respirar mais a miudo e mais amplamente, engolindo por consequencia uma quantidade de fumo mais consideravel do que se estivessem calados.

(Continua.)

Incendio d'um theatro

Em um dos dias ultimos foi destruido por um violento incendio o theatro principal de Molembeek, na Belgica.

Esta casa de espectaculos, de grande capacidade, era a unica que proporcionava diversões mais escolhidas. Molembeek possui tres ou quatro casas, sem forma alguma de theatro, onde em determinados dias se effectuam alguns concertos.

O Prado, era portanto, o theatro unico, onde se representavam peças dramaticas com character d'actualidade. Era periodicamente arrendado a diversos individuos, empregarios de companhias estrangeiras, de declamação e canto.

Em uma das noites da semana finda, houve espectáculo; ás 11 horas da noite acabou, retirando-se os espectadores. Cerca da 1 hora da madrugada, algumas pessoas que passavam no largo do Prado, viram sahir fumo por uma das janellas do theatro. Pouco depois enormes linguas de fogo lambiam as fachadas. Pedidos os soccorros, acudiram logo os srs. Covre, commissario geral de policia, Moerman, official de policia, com alguns guardas, Holleveet, burgomestre e outras aucto-ridades.

Ao mesmo tempo chegavam os bombeiros voluntarios commandados pelo sr. Vander Elst, os bombeiros de Keekelberg, d'Anderbehet e de Bruxellas. Promptas as machinas, principiou a faina, que foi violenta até ás 6 horas da manhã. O incendio principiava a ceder, e horas depois estava extinto.

Do theatro ficaram apenas as paredes. O scenario e o guarda roupa, que eram riquissimos, parece que não tinham seguro.

Os bombeiros trabalharam com grande denodo e a elles se deve o não haver o incendio passado aos predios visinhos.

Molembeek soffreu uma sensivel perda com este acontecimento, porque não lhe resta outro edificio assim onde os seus moradores possam gosar alguma diversão interessante.

As perdas totaes são valiosissimas. Não houve victimas.

Incendios no Porto de 1 a 15 de Fevereiro

5 de fevereiro. — Ás 3 hora da madrugada. Villa Nova de Gaya, rua do Estaleiro, n.º 136 e 138. Propriedade de Antonio Duarte dos Santos, occupada por

Izidoro Soares, que ali tinha estabelecida uma padaria. O incendio que se julga tivesse começo em uns panos que estavam a seccar sobre o forno, causou prejuizos avaliados em cerca de 300\$000 réis. O estabelecimento não tinha seguro, tendo-o o predio, na Segurança. Na extincção trabalharam as bombas da villa, as n.º 1 e 4 d'esta cidade e a dos voluntarios, que compareceram pela ordem que vão designadas. Houve muita irregularidade nos toques chegando a bomba dos voluntarios a ir á Lapa, para retroceder para Villa Nova. Convem urgentemente providenciar sobre este abuso que pôde dar causa a serias consequencias.

7 de fevereiro.—A's 10 horas e meia da noite. Armazem n.º 4, na rua da Cruz, em Villa Nova de Gaya. Principio de incendio que foi de prompto extinto. O armazem é propriedade de Joaquim de Sousa, residente em Coimbrões. As torres não deram signal.

11 de fevereiro.—A's 7 horas da tarde. Rua da Boa-Vista, logar do Olho Marinho. Principio de incendio n'uma casa terrea, propriedade de Antonio Ferreira da Rocha, occupada por Joaquim Henriques Teixeira que ali armazenava uma porção d'algodão. Avaliam-se os prejuizos em 100\$000 réis. Suppõe-se que o incendio fosse originado por alguma brasa que cahisse sobre o algodão. Compareceu a bomba e carro dos bombeiros voluntarios e a bomba municipal n.º 11, que não trabalharam porque os visinhos extinguiram o fogo. As torres não deram signal.

Correspondencia

Lisboa, 29 de Janeiro de 1881

(Do nosso correspondente)

Não foi a quinzena muito fertil em acontecimentos que possam interessar aos leitores do *Bombeiro Portuguez*, razão porque esta correspondencia vai assim resumida. Eis no emtanto o que occorreu mais digno de menção.

—Pela inspecção dos incendios d'esta cidade foram ministrados á camara municipal de Beja, não só alguns artigos de uniformes e apetrechos de bombeiros, mas tambem ordens de serviço, regulamentos, etc., que possam servir para organizar o serviço de incendios n'aquella localidade.

—Como em tempo lhes noticieei, a associação dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, sollicitou da camara municipal a cedencia gratuita do terreno no Cemiterio Occidental, necessario para se erigir um jazigo a Guilherme Cossoul, seu benemerito iniciador. A commissão districtal acabou de communicar á camara que foi approvada a deliberação da cendencia por ella feita.

—No intento tambem de commemorar dignamente a memoria do benemerito cidadão que foi ao mesmo tempo um distincto *maestro*, inaugurar-se-ha no proximo dia 20, na rua da Magdalena, n.º 225, 1.º andar uma sociedade, a que os seus fundadores, que pertencem

na sua quasi maioria ao commercio, resolveram denominar *Club Guilherme Cossoul*. Honra-os sobre-modo a sua resolução.

—Na manhã de 11 do corrente, uma grande nuvem de fumo que se avistava para os lados do Caramujo, fazia suppor que alli lavrava algum grande incendio. Averiguadas as cousas soube-se que o fumo procedia d'uma porção de raspa de cortiça inutilizada a que se tinha posto fogo na fabrica da Margueira.

—Na eschola dos bombeiros, na rua da Inveja, fizeram exame para bombeiros voluntarios, os srs. Carlos Augusto Ferreira de Castro, que foi classificado aspirante: Simão Cohen, Cresvell e Alfredo Cruz que foram classificados segundos patrões e José Ennes e Eduardo Pires Lopes que foram classificados primeiros patrões. Presidiu ao jury que se compunha do chefe da companhia dos bombeiros voluntarios, o sr. Darlston Shore e d'um graduado de patente superior da mesma companhia, o sr. Carlos José Barreiros, inspector dos incendios d'esta cidade.

—Com o titulo de Bombeiros Voluntarios d'Ajuda, procura organizar-se no concelho de Belem uma nova associação de bombeiros. Contam fazer a inauguração em julho. Não applaudimos a idea, antes nos parece bem desnecessaria a criação da nova companhia, porquanto, havendo já no concelho uma associação de bombeiros voluntarios cujos bons serviços tem sido incontestaveis, n'ella se poderão filiar os que tentam organizar a nova sociedade, se é que o seu movel é apenas o ser util e prestavel aos seus concidadãos.

—Como additamento ao artigo que acompanhava a gravura da *Bomba Universal* publicado no n.º 21 do *Bombeiro Portuguez*, permittam-me as seguintes observações: a *Bomba Universal* foi aqui publicamente experimentada pela inspecção geral dos incendios dando um resultado muito satisfactorio, sendo a sua principal vantagem o poder ser montada sobre uma padiola e levada aos andares superiores das casas, alimentando-se com a agua projectada por outras bombas ou tubos de bocas de incendio. A camara municipal já fez acquisição de sete d'estas bombas, o que muito abona a sua excellencia.

C.

Incendios de petroleo

A «Sociedade franceza de hygiene» tomou conhecimento d'um curioso modo de extincção automatica dos incendios produzidos pelo petroleo. E' sabido que a violencia e a espontaneidade das chammas do petroleo não permite que os socorros sejam bastante efficazes.

O meio proposto pelo inventor, que é o sr. Schlamberger, consiste em collocar em cima de cada barril de petroleo uma botija ou um frasco cheio de ammoniaco liquido, producto que está á venda em todas as drogarias, e que é portanto de facil acquisição. A' menor explosão que houver, ao mais leve contacto das chammas, a botija ha-de infallivelmente quebrar-se, derramando na atmosphaera os vapores do ammoniaco, os quaes farão o serviço d'um extintor certo e automatico. Ao auctor d'esta proposta varias vezes tem acontecido, em certos casos de distillações perigosas,

derramar sobre o liquido inflamado em consequencia d'um accidente qualquer, uma garrafa de ammoniaco, e graças a essa precaução, evita-se todo o perigo.

Este modo de extincção deve ser experimentado nos centros mineiros, para atalhar os desastres causados pelo *grisou*; reservativos cheios de ammoniaco á beira das fossas, poderiam assim servir de meios de extincção no momento das explosões, e actuariam mais seguramente que a agua, a qual não póde alcançar os gazes subteis que são a causa do incendio, mas, cuja combustão se não póde fazer n'uma atmospherá ammoniacal.

Incendios no estrangeiro

Eis alguns promenores do incendio do theatro de Cronstadt que noticiamos no nosso numero passado:

«O incendio rebentou na vespera da representação da peça *Trinta annos ou a vida de um jogador*, a 2 de janeiro, á noite.

Ignoram-se as causas do sinistro. O aspecto do theatro em chammás era horroroso no momento em que chegaram as bombas. Sahia do edificio uma espessa fumarada em columna impetuosa, e era horrorosa a gritaria das pessoas que estavam dentro a braços com as labaredas.

Succumbiu a familia do inspector do theatro, Gravischew, entre ella uma sobrinha que elle fóra buscar de vespera a Oramenbaum para assistir no dia seguinte á recita alludida. Tambem morreram o ensaiador e todos os seus.

O scenographo escapou á morte, deixando-se escorregar ao longo de uma gotteira, mas visto o estado em que chegou a terra, foi immediatamente conduzido ao hospital. Teme-se pelas suas faculdades mentaes.

Do theatro ficaram apenas as paredes.»

*

* *

No dia 17 do passado foi presa das chammás o quartel de Greenhaw, em Edinburgo. Ignora-se ainda a causa do sinistro.

Incendios em Paris

Durante o anno de 1880 houve em Paris 2:688 incendios: destes acudiram os bombeiros a 2.177. Apenas 8 foram postos; os restantes foram devidos a imprudencias, desleixos e outros accidentes.

O total das perdas calcula-se em 1418 contos de réis.

Varias Noticias

Os bombeiros voluntarios de Guimarães adoptaram o uso do apito para o commando das suas manobras.

*

* *

Foram readmittidos na companhia dos bombeiros municipaes de Vizeu, Fernando Augusto de Nogueira, corneteiro e Antonio Francisco Rodrigues.

*

* *

Vae montar-se em Beja um serviço regular de incendios. Uma parte da respectiva farramenta, como pás, machados, picaretas, ensinhs, etc., já foi entregue á camara municipal. No edificio da mesma corporação activam-se os trabalhos da sala onde vae ser installada a repartição d'aquelle serviço.

*

* *

Desde o principio do corrente mez que os conductores e sotas da inspecção dos incendios d'esta cidade usam os seus novos uniformes.

*

* *

No proximo mez de março vae continuar no Palacio de Cristal o basar de prendas que em beneficio do seu cofre promoveu a Real Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade, e que se suspendeu por ter a direcção do Palacio de Cristal necessidade da nave onde estava estabelecido o referido bazar.

As prendas que são ainda em avoltado numero e que estão arrecadadas n'uma das salas d'aquelle edificio, representam ainda algumas centenas de mil réis.

*

* *

Estabeleceu temporariamente a sua residencia em Lisboa, o sr. Eduardo de Sousa Pereira, primeiro patrão dos bombeiros voluntarios do Porto.

Chronica Quinzenal

Andam pelos ares uns vagos murmurios de descontentamento, que se vão espalhando, a ponto de os turvar. A borrasca parece avisinhar-se, e, n'este pre-

supposto, estão a postos todos os que não querem abandonar-se ao perigo.

Disse o prelado visense, em plena camara alta, que andava no ar *um certo ar comprimido*. . . Teve em parte razão, o velho antistite. . . Esse *ar comprimido*, que sua reverendissima soltou deante dos próceres, seus amigos e collegas, é a causa do geral desapontamento que vae lavrando em quasi todo o paiz. O povo portuguez é essencialmente aceiado, amigo da hygiene, e não admira, que em amor á sua pituitaria offendida pelo *ar comprimido* do senhor bispo, peça um desinfectante energico.

Quando as instituições, no caminhar lento ou progressivo, para a sua aniquilação ou para a sua prosperidade, se deixam infeccionar d'esses ares comprimidos, ainda que elles partam. . . d'uma boca episcopal, é certo que não apresentam, pelo menos, um attestado de moralidade e limpeza. Ora uma instituição. . . suja, não pode realmente admitir-se.

Grande foi a inconveniencia do prelado; e sua reverencia devia perfeitamente saber que ha outros logares mais apropriados para a livre expansão d'esses ares comprimidos. Soltal-os em plena camara, deante de tanta pessoa respeitavel, já pela sua idade, já pelos seus serviços ao paiz, é nada parlamentar.

Se todos os senhores pares assim procedessem, aconselharíamos á presidencia que renovasse a miudo o ar, e que tivesse sobre a mesa frascos de essencias finas.

A soberania da camara hereditaria tem sido contestada com diversos argumentos, mais ou menos rasoaveis, mas affrontada com tanta deshumanidade, como o foi pelo prelado de Vizeu, é que não consta nos factos das discussões parlamentares.

A que extremos se chega no resvalar para a eternidade.

. . . Reparamos agora que *estamos fora da ordem*. Veio a tempo a reflexão. Adeante.

*

* *

O theatro de S. João deu-nos a *Dinorah*, adorave *spartito* de Meyerber. Tem um condão especial esta esplendida e opulenta concepção—agradar tanto mais quanto maior for o numero de vezes que se oiça. E no entretanto, a *Dinorah* é opera mais para os criticos do que para o publico, isto é, faltam-lhe os *bonitos* da musica italiana, as *cadenzas* espectaculosas que arrancam ovações, as *floriture* finamente lavradas, que salvam sempre um cantor e alegram sempre uma palavra. Meyerber, pelos principios da sua escola, e pelo natural impulso do seu temperamento, escrevia musica profunda, séria, mais para ser sentida. Que de belezas não discorrem pelos tres actos da opera! Que sublimes melodias, que verdade, que inspiração, que arte não se vê em cada peça!

A symphonia isolada da opera, vale já immenso; é uma peça admiravel, que ha de necessariamente ser escutada com religiosa attenção.

E manda a verdade dizer que Cyriaco de Cardoso ensaiou e dirigiu perfeitamente a orchestra, contribuindo assim efficazmente para o excellente acolhimento que a opera conquistou.

O desempenho foi satisfactorio. Gargano, que na epocha passada foi applaudida com enthusiasmo n'esta

mesma opera, conduziu-se bem, interpretando com intelligencia a sua parte.

Na aria da sombra, no 2.º acto, recebeu uma ovação. Bem merecida é, porque além de a cantar perfeitamente, imprime-lhe uma certa graça, o que nem todas as cantoras poderão talvez fazer, porque isso depende d'uma coisa—presença insinuante. Uma garganta limpa e sonora é apreciavel; mas se a ella se aliar um rosto sympathico e uma presença agradavel, a artista conquista dobradas manifestações.

A *berceuse* do 1.º acto é cantada com expressão; as restantes peças, até á *Santa Maria*, final, são intelligentemente interpretadas.

A proposito vem dizer que a festejada artista realisa proxiamamente o seu beneficio com a opera *I Puritani*. Prepara-se-lhe uma festa sumptuosa. Tudo merece a sympathica cantora.

Signoretti interpreta bem a sua parte de Corentino. Aparta-se dos outros tenores, e cremos que fez bem. O personagem é aquelle, não pode ser outro.

O apreciavel artista cantou bem; a aria de *cornemuse* foi dita magistralmente. Na parte dramatica conduziu-se com intelligencia, sustentando o typo que apresentou com muita egualdade.

Farvaro, com a distincção costumada, disse a sua parte intelligentemente, recebendo por vezes os mais significativos applausos da plateia.

Os *partichinos*, coitados, fizeram o que puderam. Quem dá o que tem. . . não é a mais obrigado.

Em conclusão. A opera agradou, e a empresa lucrrou.

E já que fallamos de musica, cabe aqui registrar uma noticia: Morreu, no Brazil, Francisco de Sá Noronha, o auctor das operas *Beatriz de Portugal*, *Arco de Sant'Anna* e *Tagir*. No theatro lyrico d'esta cidade ouviram-se estas duas ultimas produções, que valeram ao illustre maestro as maiores provas de sympathia.

Paz á memoria do talentoso artista.

*

* *

Um acontecimento da quinzena foi incontestavelmente o espectáculo d'amadores dado no dia 3 do corrente, no theatro Principe Real, em beneficio da creche de S. Vicente de Paula.

Representou-se, além da scena comica *Delirio e Vingança* em que Carlos d'Almeida, imita a voz e o gesto do estimado actor Abel, o celeberrimo *Processo do Rasga*. Eduardo Alves apresentou os seus apreciaveis trabalhos de prestidigitación trabalhando com felicidade e dando-nos mais, os exercicios de memoria que ha pouco nos trouxe o *Frisço*. O coro do *aparar das pennas* da opera *Os Dragões d'El-rei*, chistosamente parodiado por Augusto Garraio, abriu o espectáculo.

Todos os interpretes do *Processo* e do coro das velhas eram rapazes, alguns já affeitos aquellas lides e outros que pela primeira vez se apresentaram. A maioria pertencia á associação dos Bombeiros Voluntarios.

Os espectadores que eram tantos quantos a casa podia comportar riram a bom rir d'aquelle disparate palmeando e victoriando com enthusiasmo os que n'elle tomaram parte.

O producto do beneficio foi avultadissimo.

A pedido da commissão de beneficencia, vae re-

pefir-se o mesmo espectáculo. Todos os amadores annuiram da melhor vontade ao pedido que lhes fez uma respeitavel commissão que para esse fim os procurou.

Está marcada a noite da nova festa, para 24.

Como fosse impossivel attender aos innumerados pedidos de camarotes para esta recita, accordou-se em que fossem postos em praça e entregues a quem mais der. Assim a obulo dos pobres augmentar-se-ha em muito.

*

* *

Dos outros theatros pouco ha a registrar.

O Baquet deu-nos uma comedia engraçada. *Gaveaud, Minard & C.^a* é o seu titulo. Viza unicamente a fazer rir o espectador, e consegue-o. Esta comedia e a *Roca de Hercules* intelligentemente interpretada por Apollinario e Maria d'Azevedo, deram-se pela primeira vez em beneficio de Adolpho Felgueiras, estimavel rapaz que principia agora a sua carreira d'actor. Além disso, Apollinario pintou um quadro em cinco minutos, imitação dos trabalhos de Gauthier e Felgueiras com Luiz Antunes tocou nas ocarinas, parodiando tambem aquelle os trabalhos do Ling-Look. O publico que era muito numerozo gostou e applaudiu.

O actor Pestana faz o seu beneficio sexta-feira 18, subindo á scena a comedia *Gaveaud Minard & C.^a*, a opereta *O tio Braz* em que toma parte por obsequio a actriz Maria da Luz, e a scena-comica *Tocador de Zabumba* desempenhada pelo amador Alberto Aguiar.

N'este theatro debutará brevemente com a «The-reza Raquin» a actriz Emilia Adelaide e o actor Alvaro. Trabalharão com a companhia que ali funciona.

*

* *

O Principe Real fez a *reprise* do *Espelho da Verdade*. O successo foi mediocre.

Com o tempo, o triste espelho ficou sem aço! E' melhor pol-o de parte.

N'este theatro representa-se no dia 18 a opera comica *Os conspiradores na Corte*, em beneficio do actor Wannimely.

Para este theatro foi escripturada Thomazia Velloso para substituir a actriz Manzoni, que finda a sua escriptura, se retira d'aquella casa d'espectaculos.

*

* *

Nas Variedades representa-se no dia 19 o disparate em 2 actos, *O Processo d'el-rei Dinheiro*. Esta producção é da lavra da actriz Emilia Eduarda, e dizemos que é deveras chistosa.

*

* *

O Processo do Rasga continua em scena no theatro da Trindade, com geral agrado. Esta producção ganhou foros de universalidade.

Succeder-lhe-ha o *Espelho da Mentira*, parodia ao *Espelho da Verdade*, cuja primeira representação será

no dia 16 do corrente em beneficio do actor Domingos da Silva o festejado *Mirondella* do «Processo do Rasga.» E' de crér que o publico affluindo n'essa noite ao theatro da Trindade affirmará a sua sympathia para com o popular actor.

E ficamos hoje por aqui.

Fevereiro, 14.

F.

ESPECTACULOS

THEATRO DA TRINDADE

Quarta-feira, 16

Beneficio do actor Domingos, o *Mirondella* — A 1.^a representação da peça «O espelho da mentira» — A's 8 horas.

Quinta-feira, 17

A 2.^a representação da peça «O espelho da mentira» — A's 8 horas.

Sexta-feira, 18

Beneficio do regente da orchestra — «O espelho da mentira» — A's 8 horas.

THATRO BAQUET

Sexta-feira 18

Beneficio do actor Pestana e da actriz Amelia Pestana, a comedia em 3 actos «Gaveaud, Minard & C.^a, a scena comica «Um tocador de Zabumba,» e a comedia, «O tio Braz.»

ANNUNCIOS

A VOLTA DO MUNDO

NOVO JORNAL DE VIAGENS

Acaba de publicar-se o n.º 7 d'esta interessante publicação quinzenal, a mais luxuosa e economica que tem visto a luz no nosso paiz.

Assigna-se no Porto, na succursal geral da Empresa no norte do reino, typographia Occidental, rua da Fabrica 66, e nas principaes livrarias.

Esta empresa vae tambem editar o primoroso livro de Luiz Figuiet, intitulado **AS RAÇAS HUMANAS**. Adornam esta publicação 265 esplendidas gravuras e 8 lindissimas chromo-lythographias.

Typ. Occidental, rua da Fabrica, 66—Porto: